

Os frutos da bendita 'herança maldita'

A esta altura, nem o mais cético dos analistas conseguirá negar que estamos assistindo ao começo do espetáculo da recuperação da economia brasileira – e nem mesmo prognosticar que essa recuperação terá vida breve, imitando o “vão da galinha” de que falam os habituais arautos do catastrofismo. Ainda ontem, a imprensa divulgava uma batelada de números sobre o desempenho da indústria no País e a situação do emprego no setor manufatureiro paulista que revelam uma consistência ao alcance da vista até do público leigo. Para citar apenas os dados principais, de janeiro a maio a produção industrial no Brasil cresceu 6,5% na comparação com o acumulado nos mesmos cinco meses de 2003 e 9,3% em São Paulo.

Significativamente, a taxa alcançou 16,7% no Amazonas, um dos pólos da indústria de bens de consumo eletroeletrônicos. Quanto ao emprego industrial em São Paulo, os números mereceram as manchetes com que foram anunciados. No semestre recém-encerrado, o parque fabril bateu um recorde histórico, ao abrir 30 mil postos de trabalho, cerca de 3 mil além do registrado no ano inteiro de 2000 – o melhor, nesse aspecto, desde o advento do Plano Real. Isso equivale a um salto de 20% em relação aos seis meses iniciais do ano passado. O dinamismo das exportações sustenta em parte

esse avanço. Mas, com juros menores e oferta maior de crédito, também as vendas internas de bens duráveis se expandiram. (Também estarão nos jornais de hoje os resultados das vendas do varejo nesse período: aumento de 10,1% em relação ao mesmo período de 2003.)

Outra boa notícia foi dada pelo ministro do Trabalho, Ricardo Berzoini, antecipando uma informação a ser divulgada oficialmente na segunda-feira: 1 milhão de empregos formais foram criados no País nos últimos seis meses, o número mais elevado para o período desde 1992. O mínimo que se pode dizer é que “o pior momento da crise do emprego já passou”, nas palavras do diretor da Fiesp, Cláudio Vaz. “Não é um aquecimento muito rápido, mas é um bom indício”, comentou, de seu lado, o empresário Antônio Ermírio de Moraes, crítico freqüente das políticas governamentais. Sobre o desempenho de seu Grupo Votorantim foi categórico: “Estamos crescendo em todas as áreas, crescendo como nunca.”

Nas economias de mercado, o crescimento pode ser explicado, em cada caso, pela ação de uma multiplicidade de variáveis. Destas,



nenhuma é tão crucial como a expectativa dos agentes econômicos, o que os leva, ou não, a investir nas suas empresas e a contratar. O que se verifica nestes dias no Brasil é uma mudança nada menos que radical nessas expectativas: o empresariado voltou a acreditar no desenvolvimento, gerando o chamado círculo virtuoso de intenções e resultados que se reforçam reciprocamente. E essa mudança

se deve à convicção de que a política econômica do governo Lula veio para ficar – em que pesem os surtos recorrentes de “fogo amigo” contra o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, e a retórica da “herança maldita”.

Em outras palavras, a esperança venceu o medo de que a racionalidade na gestão macroeconômica – a herança bendita dos anos Fernando Henrique – sucumbiria às pressões daquelas forças que, se tivessem prevalecido na definição dos rumos do governo Lula, teriam conseguido arrebanhar o País já entre a eleição e a posse do novo presidente. Não só isso não aconteceu, como ainda o ministro Palocci firmou-se politicamente ao longo desses 18 meses no Planalto muito mais do que

poderiam esperar tanto os que lamentam quanto os que se rejubilam com isso.

Enquanto a continuidade da política de austeridade fiscal cimentada no segundo mandato do ex-presidente aumentou a confiança dos credores na solvência do País, a retomada em bases firmes da atividade produtiva comprova que políticas macroeconômicas responsáveis são perfeitamente compatíveis com o desenvol-

**Confiança
nos rumos da
política
econômica
melhora as
expectativas**

vimento. Mais: são condições indispensáveis para o desenvolvimento duradouro. O presidente Lula, que tornou a dizer dias atrás que não quer “crescer um ano

e descrecer no ano seguinte”, há de saber, pois, o que é necessário para manter o crescimento. Mas o necessário não é suficiente.

Se a economia decolou porque havia uma herança bendita para usufruir, a altitude que atingirá vai depender do que o governo construir sobre os alicerces dessa herança no plano das reformas microeconômicas, quase todas ainda travadas no Congresso. Só então poderá reivindicar a paternidade do progresso.